

A LÓGICA DO SONHO

João José R. L. de Almeida
FCA/Unicamp

Suponhamos que fosse possível dividir todas as espécies de filosofias contemporâneas em apenas quatro tipos básicos. Sabemos que, na realidade, não é possível. Precisariamos, antes de tudo, conhecer todas as filosofias com o rigor que o quantificador nos compromete. Além disso, as quatro tipologias teriam que ser claramente delimitadas pela taxonomia, sem nada sobrar. Por isto, não obstante o esforço classificatório, provavelmente não conseguiríamos evitar uma montante tão alta de casos limítrofes, ou não encaixáveis, que sucumbiríamos afogados pela vagueza.

Por amor ao argumento, entretanto, vamos insistir com a classificação. Nosso objetivo é simplesmente colocar uma ordem no que será descrito com relação a Freud e a metapsicologia no escopo da *Interpretação dos Sonhos*, sem dar excessiva importância à precisão. Como se trata apenas de uma ferramenta usada para o esclarecimento, não há nenhum compromisso estrito com a sua realidade. Tampouco se pretende, por outro lado, escamotear que as filosofias que apontamos devem misturar, de muitos modos, estas quatro tipologias dentro das suas próprias perspectivas.

Todas as espécies de filosofias contemporâneas seriam, então, apenas quatro: as explicativas, as compreensivas, as descritivas e as performativas.

As filosofias explicativas simulam as ciências naturais, mas dela retêm somente o ritual, a pompa, ou a ostentação de um método. Em filosofia, evidentemente, os conceitos não se submetem, pelo menos da mesma maneira que nas ciências naturais, ao tribunal da experiência. Além disso, visto que no interior deste tipo os conceitos filosóficos assimilam o empírico às suas regras, por conseguinte eles não podem ser senão autorreferentes ou circulares. Qualquer possível elemento da experiência ao qual eles se refiram não tem outro poder, exceto o de corroborar a asserção do conceito. Os marxismos, as psicanálises, uma boa parte das filosofias continentais e as filosofias fundacionistas se enquadrariam, em geral, nesta tipologia. São grandes filosofias monotônicas, englobadoras e sintéticas. Elas explicariam somente na medida em que conservam uma verdade ou um fundamento último inquestionável, enquanto apresentam, escrutinam e revelam os segredos do seu objeto de

investigação. Sua explicação, assim sendo, transfigura-se muito facilmente em mera apologética ou numa forma de crítica autoindulgente.

As filosofias compreensivas, por sua vez, configuram desde o século XIX um paradigma de ciências humanas. Não pretendem conservar propriamente uma verdade a respeito do seu objeto de investigação, mas desvelar uma rede de significados, uma tecitura de sentidos, que demandam uma interpretação. Qualquer interpretação, contudo, será uma dentre outras possíveis no que poderiam chamar de “mundo da vida”. Com relação ao que apreendem nos seus dados imediatos, nenhuma ciência estaria livre de supostos volitivos e valorativos não tematizados do meio circundante, todos de natureza intersubjetiva, que, em princípio, se desdobram em variedades investigativas possíveis. As fenomenologias, a hermenêutica, a analítica existencial heideggeriana configuram bem este conjunto de traços distintivos.

As filosofias descritivas são as que renunciaram ao método explicativo em filosofia, mas não se comprometeram com as perspectivas compreensivas. Realizam, assim, apenas uma aproximação ao seu objeto de pesquisa com o objetivo de ressaltar traços fisionômicos e as conexões entre os elementos do conjunto, sem se importar imediatamente com o uso explicativo, compreensivo ou performativo que se poderia fazer daquela totalidade figurativa. Os pragmatismos em geral e muitas perspectivas analíticas e lógico-formais cumprem bem este receituário.

Finalmente, as filosofias performativas são aquelas que explicam, compreendem ou descrevem sem dar nenhuma ou quase nenhuma relevância ao seu método, salvo em função do objetivo perlocucionário que pretendem atingir. O nietzschianismo, os cinismos e os ceticismos, e a filosofia da dupla Deleuze-Guattari são potencialmente filosofias desse tipo, nas quais é menos importante o conteúdo e a forma que o efeito que pretendem provocar no leitor.

Voltando a Freud, notemos que quase é possível descrever a sua filosofia de fundo na *Interpretação dos Sonhos* como uma mistura, em algum grau, da visada compreensiva com a visada explicativa. Não quero me comprometer tampouco com a afirmação realista desse dualismo, apenas pretendo dizer que, numa primeira aproximação com a viseira da nossa taxonomia fantástica, não haveria, aparentemente, quase nada de descritivo ou performativo no seu pensamento, mas apenas essa mistura um pouco estranha, mal concatenada, e talvez até inexplicável, que foi tematizada por quase todos os pensadores da obra de Freud, desde a década de 1920 até hoje, no tema da ruptura ou da continuidade dos conceitos fundamentais da psicanálise. Segundo esta impressão, ainda muito rasteira, a parte compreensiva do

pensamento de Freud conformaria a quase totalidade do texto da *Interpretação dos Sonhos*, e a parte explicativa conformaria o capítulo VII do livro.

Nesta perspectiva, então, é factível pensar que o conjunto de textos publicado em 1915 (*As Pulsões e os seus Destinos*, *A Repressão* e *O Inconsciente*) fosse o ápice do capítulo explicativo do livro. Um breve texto de Freud, escrito em 1915 e publicado em 1917, confirmaria esta suposição: *Complemento Metapsicológico à Doutrina dos Sonhos*. E quanto à *Interpretação dos Sonhos*, como um todo, talvez ela mesma fosse uma reelaboração clínica e teórica de pensamentos já trabalhados em 1891, em *Para uma Conceção das Afasias*, em 1895, no *Projeto de uma Psicologia Científica*, e em 1897, nas *Cartas 39 e 52 a Fließ*. Mas não quero, como disse, abraçar a tese da continuidade da metapsicologia freudiana, nem, por outro lado, a tese da ruptura, cuja tensão e irresolução é o tema magistralmente trabalhado pelo livro de Monzani, *Freud: o movimento de um pensamento* (2014). É tão complicado defender uma ou outra tese quanto pretender livrar-se de grandes tribulações depois de haver chutado um ninho de marimbondos. Espero meramente descrever as supostas duas lógicas pelas quais Freud enquadrou as manifestações oníricas no livro fundador da psicanálise, para incitar uma discussão sobre a filosofia da psicanálise e sua relevância clínica, não discorrida neste artigo. Implicitamente meu argumento supõe um continuísmo no pensamento de Freud, mas novamente advirto que se trata de uma ferramenta, não propriamente de uma explicação histórico-conceitual dos seus construtos teóricos.

1. A metapsicologia e a Interpretação dos Sonhos

Freud sugeriu em 1915 que quando “descrevemos um processo psicológico nas suas relações dinâmicas, topográficas e econômicas, devemos denominá-lo como uma apresentação *metapsicológica*” (Freud, 1982/1915, p. 140).¹ Refere-se naquele parágrafo, evidentemente, a uma descrição dos elementos da sua psicologia em termos de forças, sistemas e energia. Pensemos, então, na metapsicologia como uma especulação mentalista, não verificável empiricamente, que busca explicar o funcionamento da psicologia de maneira causal, para fundamentar a etiologia e a terapêutica da neurose dentro do seu molde tópico, dinâmico e econômico. Suponhamos que seja assim, e não uma perspectiva simbólica,

¹ As traduções são minhas.

interpretativa ou mesmo estruturalista da mecânica dos objetos e das relações mentais, como muitas vezes se sugere.

Uma vez que Freud, em 1900, passou a abster-se da referência direta à neurologia, teríamos que entender tanto a metapsicologia de 1915 quanto a do capítulo VII como especulação puramente psicológica, abstraída das suas ligações neurofisiológicas, como já sugere o nome. Conceitos como os de processo primário e secundário, traço de memória, pulsão, representação, aparelho psíquico e inconsciente referem-se a entidades mentais, e não, propriamente, a processos neurofisiológicos. Nesse primeiro sentido, então, sua explicação, se for mesmo uma explicação, se configura de maneira muito similar a um argumento *virtus dormitiva*. Numa explicação desse tipo faz-se um simulacro de explicação. Dizemos, por exemplo, que o ópio nos faz dormir porque contém uma *virtus dormitiva*, ou que uma determinada substância entra em combustão porque contém flogisto, um princípio calórico que substâncias não combustíveis não contém. Trata-se, nesta hipótese, de uma aparência de explicação, porque o liame entre causa e efeito não se pode estabelecer a não ser por postulação forçada ou por ato de fé no determinante.

Quando nos deparamos com um texto científico, esperamos, pelo menos a princípio, que a relação entre o *explanans* e o *explanandum* não seja circular, e que, para isto, os dois termos da relação sejam independentes entre si. Portanto, para que se represente verdadeiramente uma determinação, seria preciso que o fenômeno a ser explicado não se repetisse no *explanans*. As duas instâncias teriam que afigurar naturezas, essências ou propriedades, o que quer signifiquem tais substantivos, que fossem diferentes entre si, para que, então, elas fossem postas em correlação. Mas se a instância a ser explicada se repete na instância explicativa, isto é, tem a mesma natureza, essência ou propriedade que ela, o que quer que signifiquem esses nomes, a correlação passa a ser somente um círculo vicioso e fechado. Para o horror do pensamento humeano, não se estabeleceria a relação de causa e efeito como externa e determinativa, como parece ser a intenção de Freud. No seu caso, nos são fornecidas apenas *relações entre ideias*, que obedecem apenas ao princípio do terceiro excluído, mas não verdadeiras *questões de fato*, sem qualquer compromisso lógico implícito. Em versões compreensivas ou interpretativas, por outro lado, não estabelecem, via de regra, relações determinativas, porque precisamente renunciam a esta forma particular e restrita de correlação lógica externa e artificial. Mas Freud parece francamente se ranquear, nos textos metapsicológicos, não do lado compreensivo, mas do lado da vertente explicativa com argumentos inevitavelmente circulares.

Há uma informação muito relevante, no entanto, que atenua bastante, ou poderia até mesmo eliminar, a crítica de circularidade na metapsicologia. Se a informação estiver correta, trata-se então do fato de que o psicofisicalismo de Helmholtz fez parte da sua educação neurológica (cf. Amacher, 1965). Isto tanto poderia dificultar para Freud, de certo modo, a percepção da circularidade nos seus próprios argumentos psicológicos, quanto poderia ser o caso de que seus postulados fossem apenas substitutos provisórios de termos explanatórios ainda a serem descobertos. Afinal, como veremos no tópico 3, abaixo, o neurofisiológico permanecia sempre no fundo, a espera de uma complementação verdadeiramente científica e futura das suas teses que, naquele momento, seriam expostas prematuramente apenas pelo interesse clínico da matéria e pela dificuldade técnica da ciência da época.

Não vamos, como disse, entrar nas questões epistemológicas. O ponto aqui discutido serve apenas para demonstrar a espécie de explicação que, talvez, o capítulo VII pretenda propor. Imaginemos, para não complicar demais o argumento, que o tipo de explicação do capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos* seja similar ao tipo de explicação dada em 1915 nos textos metapsicológicos. Ou seja, uma explicação provisória, a espera de um futuro desenvolvimento da ciência na direção esperada. E feito este desenho, vamos nos voltar agora para a parte supostamente compreensiva, em nossa tipologia, daquele livro. Talvez seja esta visada compreensiva que abra um panorama muito mais alvissareiro, próprio do frescor e do entusiasmo da fundação da disciplina, capaz de envolver os elementos do sonho com a vida e as memórias do sonhador. Vamos recuperar, por conseguinte, as configurações lógicas da manifestação onírica, com o seu suposto teor marcadamente compreensivo, para em seguida examinarmos as configurações lógicas da metapsicologia dos sonhos, prefiguradoras da grande metapsicologia de 1915, independente da discussão da sua natureza cognitiva.

2. A lógica dos sonhos

Freud parte da assunção de que (1) o sonho tem um sentido. Se não tivesse sentido, seria trivial e nenhuma interpretação poderia ser aduzida da sua configuração. Este é um postulado interessante, porque se quiséssemos uma explicação naturalista do sonho, não seria necessário que ele fizesse qualquer sentido. Bastaria o sonho como fenômeno incompreensível e a descoberta das leis que o fariam aparecer daquele modo, como qualquer outro fenômeno natural do universo. Em contrapartida, ele não seria um rébus, não conteria uma mensagem cifrada. Seria apenas ele mesmo e as leis que o regem como fenômeno. Isto

é, as leis determinativas do sonho não deveriam conter, elas mesmas, por debaixo do sonho, qualquer condição de compreensibilidade.

Mas vemos que não é exatamente isto o que Freud nos comunica. Ele toma o sonho como uma mensagem cifrada, embora não do mesmo modo como eventualmente ocorre na religião ou na crença popular. Não se trata do sonho do Faraó, relatado no Antigo Testamento, nem de que os elementos do sonho possam ser tomados por símbolos divinatórios. O sentido do sonho, à diferença do senso comum e da religião, são os seus *pensamentos*, expressos à revelia do sonhador. A decifração do sonho é a revelação dos pensamentos ocultos do sonho.

O sonho modelo que nos é apresentado logo de entrada, no capítulo II, é o sonho da injeção de Irma. Riquíssimo em detalhes, tão excessivo, profuso e misterioso quanto é enigmática a fauna e a flora amazônicas. À primeira vista não podemos entendê-lo. Mas Freud o destrincha nos seus pensamentos constitutivos, pormenorizados, mínimos. São eles que estão associados a cada palavra, a cada imagem, e até a cada pedaço que eventualmente compõe uma imagem ou palavra, de modo que não podemos tomar meramente palavras e imagens como unidades discretas. Os pensamentos estão ali disfarçados, como um bicho dissimulado no cipóal.

Mas o que fazem ali os pensamentos? Por que teríamos que acreditar que são pensamentos? E o pior, se são pensamentos do sonho, são, em princípio, pensamentos do sonhador – por que não há deles consciência?

E aqui temos o segundo postulado: (2) o sonho é a realização de um desejo. Na maior parte das vezes, de um desejo que desconhecemos. A partir do capítulo III, Freud nos apresenta vários outros sonhos para provar este ponto. São sonhos bem menos complexos do que o primeiro sonho, o sonho modelo do capítulo II. Alguns deles incrivelmente distantes de qualquer coisa que alguém poderia em sua consciência dizer que realizam desejos, como sonhos ligados à morte e a situações de pavor ou repulsivas. Não importa, o objetivo do autor é comprovar o segundo postulado: todos os sonhos são, sem exceção, realizações de desejo. Convencidos deste ponto, temos então que considerar que se o sentido do sonho são os seus pensamentos, estes comparecem no sonho não porque querem. Não há autonomia nos pensamentos. Do mesmo modo que em Hume a razão é uma serviçal das paixões, os pensamentos aqui são escravos do desejo. Eles estão no sonho para realizar o desejo, que muitas vezes desconhecemos, de alguma forma.

Resta-nos agora somente saber por que estes pensamentos e desejos estão cifrados, e por que nos é vedada a consciência deles, de tal modo que não parecem ser nossos e nem

parecem ser de desejo. Para isso é preciso um terceiro postulado: o de que (3) pensamentos são cadeias associativas formadas por representações, estas consideradas como unidades mínimas de veículo de informação ou significado. E Freud se dedica, então, nos capítulos IV, V e VI, ao que chama, em geral, de “trabalho do sonho”. Tudo isto configura o seu postulado (4), o da distorção dos sonhos, além das regras que lhe são correlatas, e aos três primeiros postulados, que podem garantir ao analista, tomando tudo em conjunto, os seus instrumentos de trabalho e a possibilidade de escavação dos recônditos da alma do paciente.

Estas regras são: (a) associação entre representações de palavra, representações de objeto e afetos; (b) representações podem ser alteradas por condensação; (c) representações podem ser alteradas por deslocamento; (d) afetos permanecem inalterados, apenas podem se ligar ou não a qualquer tipo de representação; (e) a condensação e o deslocamento podem violar regras da lógica clássica, como os princípios do terceiro excluído e da não contradição; (f) o sonho tem um conteúdo manifesto que recobre pensamentos latentes; (g) a passagem do pensamento latente para o conteúdo manifesto se faz por transcrição segundo as regras de associação já declaradas.

Para que o jogo da interpretação dos sonhos esteja completo, resta-nos somente nomear os seus objetos. Estes são: (i) representação de palavra, (ii) representação de objeto, e (iii) afeto. Esta é a matéria-prima, digamos assim, da qual são compostos os sonhos. E ela pode provir da vida de vigília, como uma memória recente, ou da vida pregressa, inclusive desde a mais tenra infância, como memória remota e já esquecida.

Explica-se, assim, dentro dos postulados, das regras e dos objetos, por que sonhos têm pensamentos e afetos que não parecem ser os nossos. Eles estão distorcidos dentro do processo de transcrição do latente para o manifesto, e pelas regras de associação entre os objetos lógicos, isto é, as representações e os afetos. Os sonhos também, pela sua lógica, estão conectados à vida e às vivências do sonhador. Na realidade, é ele que, finalmente, decifra o sonho ao final da análise como também autoriza um processo particular de distorção do seu pensamento, no sintoma. Pela lógica, nenhum postulado precisa de fundamento cognitivo. A explicação que se dá, portanto, deve satisfazer-se apenas dentro do jogo e das suas regras, seguindo ou não um preceito absoluto de consistência e de validade.

3. O aparelho psíquico

Pela nossa classificação, o cap. VII da *Interpretação dos Sonhos*, contudo, parece desconexo de toda a elaboração apresentada até ali no livro. A partir dali temos, se não estiver enganado, uma outra lógica, esta mais fortemente vinculada ao teor explicativo da sua filosofia que ao teor interpretativo. Isto é explicitamente indicado, aliás, pelo próprio autor, logo no começo, quando se dá conta de que falta ainda a explicação dos processos psíquicos do sonho: “Depois de clarear tudo o que concerne ao trabalho de interpretação, observamos quão incompleta permanece a nossa psicologia dos sonhos” (Freud, 1982/1900, p. 489); e, logo a seguir: “...a partir do momento em que queremos penetrar mais profundamente nos processos mentais dos sonhos, todas as veredas desembocam na escuridão” (idem, p. 490). Freud gostaria de ter a explicação, mas reclama que não há conhecimento psicológico suficiente, constituído até aquele momento, para que uma explicação, no sentido pleno da palavra, pudesse inferi-lo como base da correlação necessária para dar conta dos sonhos. Por este motivo, sua explicação vê-se obrigada a ser nada mais que uma série de suposições (*Annahme*) sobre a estrutura do aparelho psíquico e sobre o jogo de forças que nele atuam.

Por conseguinte, podemos nós agora inferir, uma explicação que é somente um novo conjunto de postulados (*Annahme*), isto é – e deixemos isto bem claro –, apenas mais uma lógica, proposta provavelmente enquanto se espera pelo conhecimento dos processos mentais que poderia chegar no futuro e nos retirar, finalmente, da escuridão científica.

O que é este aparelho e quais são os jogos de força que nele subsistem? O aparelho psíquico é uma extensão virtualizada, sem existência materialmente localizada, cuja extremidade receptiva acolhe estímulos sensoriais, e cuja extremidade oposta entrega estes estímulos, transformados, como reações na forma de fala ou de ação. O aparelho psíquico tem precisamente a função de receber e de descarregar, transformados, os estímulos. Quando dormimos, entretanto, a extremidade motora do aparelho alucina, por regressão, as reações efetivas que ocorreriam normalmente na vida desperta.

Os jogos de força, ocorridos no seu interior, são aqueles responsáveis pelas transformações sofridas pelas representações e afetos ao longo do percurso do aparelho. Como acontecem essas transformações? Em primeiro lugar, a extremidade sensorial do aparelho recebe os estímulos como modificações permanentes no sistema. Freud toma essas modificações como traços de memória. No entanto, o sistema não poderia ser permanentemente aberto a modificações internas. Teria que haver, por isso, mais de um sistema. Por isso, postula-se um sistema que só recebe os estímulos perceptivos, chamado, naturalmente, de “sistema perceptivo”, que não preserva os traços e não tem memória, e um outro sistema, chamado de “sistema mnêmico”, que transforma as excitações em traços

permanentes de memória e produz as associações. A consciência, que dirige a nossa vida de vigília, estaria ligada a esse primeiro sistema, que a supre de toda qualidade sensorial necessária para a atenção, a reflexão e a tomada de decisões correntes da vida normal de vigília.

Mas as nossas lembranças permaneceriam inconscientes em si mesmas. Podem tornar-se conscientes, mas produzem todos os seus efeitos enquanto estão em estado inconsciente, sobretudo as memórias da primeira infância. A sua força excitatória, porém, encontra menos resistência quando dormimos, porque no estado de sono há supressão da vigilância.

Por causa dessa possibilidade de lembrarmos ou não de memórias, o segundo sistema subdivide-se, portanto, em dois outros subsistemas. O subsistema pré-consciente, responsável pelos processos excitatórios que chegam à consciência quando atingem certo grau de intensidade, e o subsistema inconsciente, que só tem acesso à consciência depois de passar pelo pré-consciente, desde que obrigatoriamente submeta as representações a profundas modificações. Para isso serve o processo de associações que modificam e distorcem as representações. Algumas representações, porém, permanecerão para sempre inconscientes. São, sobretudo, aquelas infantis, submetidas a uma maior carga de recalçamento. Há no aparelho, portanto, uma *repressão*, que evita a transcrição de uma representação de um subsistema para outro subsistema, e uma *censura*, que atua somente quando a intensidade de afeto é maior que a repressão a ela submetida, mutilando partes significativas da informação que ultrapassa a fronteira, ou distorcendo-a até ficar irreconhecível.

Para Freud, todo o impulso para a formação dos sonhos situa-se no subsistema inconsciente. Como dissemos, sonhamos apenas porque, dormindo, a censura diminui e a resistência torna-se muito menos acentuada. O sonho toma, então, o lugar dos diversos pensamentos que nos ocupam na vida cotidiana e da variedade de pensamentos ocultos à nossa consciência, e, desta forma, o desejo inconsciente assume o controle da catexia. Sua energia se liga a representações-meta de cadeias de pensamento inconscientes. Dos pensamentos que subsistem sem qualquer atenção da consciência.

Há, por conseguinte, no aparelho psíquico, um *processo primário*, de energia em livre fluxo, que se ocupa de descarregar as quantidades de excitação, que se encarrega de buscar o prazer e é formado por moções de desejo inconscientes e inacessíveis à inibição do pré-consciente; e um *processo secundário* que busca inibir o desprazer, estabelecendo identidades de pensamento, realizando ligações entre as representações, colocando obstáculos

à descarga livre, e promovendo o recalçamento que transforma o afeto do prazer em desprazer, realiza a formação de compromisso e instaura o sintoma.

Os sonhos, com suas imagens distorcidas, seus afetos confusos e sua lógica aparentemente estranha, demonstram por via indireta, para Freud – mas isto desde que aceitemos os seus postulados –, que os pensamentos reprimidos continuam a subsistir tanto nas pessoas normais quanto nas acometidas dos mais severos transtornos mentais. Por isto é que, para ele, o sonho é a via régia para o inconsciente. O lugar onde ficam guardados, por recalque, tais pensamentos recônditos que, às vezes, escapam, burlando, mutilados, a repressão.

O inconsciente é, então, a base geral da vida psíquica, uma esfera muito mais ampla do que a do consciente, e, mesmo sendo tão desconhecido quanto a realidade mais íntima do mundo externo, é, para Freud, a realidade psíquica verdadeira.

4. As duas lógicas de Freud

Duas lógicas não são preferíveis uma a outra. São apenas dois jogos diferentes, lado a lado. Um jogador pode, se quiser, jogar os dois jogos, um de cada vez. Ocorre que Freud pretende, supostamente, concatená-los. E, como vimos, o segundo deles como postulado hipotético do primeiro. Formando-se, assim, um terceiro jogo.

A mera concatenação de duas lógicas distintas não provoca necessariamente algum problema de consistência. Para um sistema lógico que não seja paraconsistente, a condição de consistência consiste somente em não comportar nenhuma contradição semântica ou sintática. Assim, basta apenas que entre os dois subsistemas freudianos, agora conectados, não haja uma fórmula tal que tanto ela quanto a sua negação sejam verdadeiras. Condição que a conexão realizada por Freud entre as duas lógicas parece cumprir. Ou seja, se a lógica do sonho, sozinha, poderia gerar múltiplas interpretações, a lógica do aparelho psíquico vai escolher apenas uma como correta. Como nos diz o autor no capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos*, mesmo que porventura não seja possível interpretar todos os sonhos, “é sempre possível ir um pouco mais longe, pelo menos o bastante para chegar à convicção de que o sonho é uma formação rica de sentido, e, principalmente, para chegar a uma noção deste sentido” (1982/1900, p. 502). Mas qual, de muitas interpretações possíveis, é aquela que faz sentido? Freud nos dá uma pista: “...quando ele [o intérprete iniciante] tem em mãos uma interpretação completa do sonho, a riqueza de sentidos é coerente e dá resposta para todos os

elementos do conteúdo do sonho” (1982/1900, p. 501). E por que isto seria possível? Simplesmente porque, segundo a lógica do aparelho psíquico, o sonho é um substituto de uma cena infantil (1982/1900, p. 522). O sonho é uma regressão ao passado, à condição mais primitiva do sonhador. Portanto, o desejo representado no sonho tem de ser um desejo infantil reprimido. Chegar a esta representação recalcada do sonhador desvendará o sentido do sonho.

Vamos interromper neste ponto nossa ficção taxonômica. É uma interrupção abrupta. Mas não importa. O que pretendo demonstrar apenas é que se for possível acoplar a uma lógica compreensiva, outra explicativa, os dois vagões em conjunto passarão a obedecer a uma condição bivalente de verdade, reduzindo dramaticamente a pletora de sentidos possíveis, na primeira lógica, a apenas um sentido na segunda lógica. O paciente ideal da primeira lógica, autônomo diante da multiplicidade de possíveis interpretações, perde praticamente a sua agentividade diante da interpretação única descavada pelo analista ideal da nova concatenação.

Com isso, pode-se comprovar logicamente a validade da visão compreensiva, a validade da visão explicativa, e a validade da visão compreensivo-explicativa antidualista no escopo da *Interpretação dos Sonhos*. Do ponto de vista lógico, todos os três partidos da explicação histórico-conceitual do pensamento de Freud, têm, supostamente, boas razões, se nos rentringimos somente aos nossos argumentos. Eles poderiam, inclusive, disputar entre si quem levaria os louros da vitória.

Conclusão

Não sou adepto da filosofia compreensiva, nem da explicativa, nem da compreensivo-explicativa antidualista do pensamento filosófico de fundo expresso nos textos de Freud. Apenas descrevo essas características lógicas da *Interpretação dos Sonhos* para indicar que é possível, em termos meramente formais, recuperar tanto um Freud compreensivo, quanto um Freud explicativo, e até mesmo um Freud híbrido, sem perda de consistência. Diria, ainda, que o primeiro é mais favorável à clínica dinâmica, e o segundo e o terceiro, predispostos a uma clínica psicofarmacológica, caso as intuições hipotetizadas no aparelho psíquico se confirmem nas neurociências atuais (Caropreso & Simanke, 2011). No entanto, presumo que caberia ainda muito lugar na filosofia da psicanálise para as perspectivas descritivas e performativas, mais favoráveis à clínica dinâmica, infelizmente pouco contempladas no

estudo de Freud. Mesmo no lacanismo e no deleuzianismo, notoriamente favoráveis ao descritivo e ao performativo, estas tipologias ainda são precariamente operacionalizadas e exploradas. Suas respectivas formas de filosofia da psicanálise parecem insistir, apesar de tudo, no tom explicativo.

Poder-se-ia de vez em quando, por exemplo, ressaltar a lógica performativa dos relatos de sonho expostos no livro fundador de Freud, e os efeitos que o autor espera recolher do leitor, envolvido na trama como um sonhador (cf. Pontes, 2011). Poder-se-ia, também, utilizar descritivamente o livro em proveito de uma possível gramática dos sonhos, como já fez Wittgenstein (1998, p. 75, 78-79, 82, 83, 88-89). Enfim, o que quero dizer é apenas que seria desejável, em minha opinião, que a superabundância de filosofias da psicanálise explicativas e compreensivas pudesse ceder mais espaço para perspectivas descritivas e performativas, com ênfases mais clínicas que teóricas, sem prejuízo daquelas, naturalmente, que sem dúvida formam a base e o estofado utilizável nestas outras duas tipologias.

Referências

Amacher, P. (1965). Freud's neurological education and its influence on psychoanalytic theory. *Psychological Issues* IV, (4), 1-93.

Caropreso, F. & Simanke, R. (2011). A metáfora psicológica de Sigmund Freud: neurologia, psicologia e metapsicologia na fundamentação da psicanálise. *Scientiae Studia*, v. 9, n. 1, p. 51-78.

Freud, S. (1982/1900). Die Traumdeutung. In Freud, S. *Studienausgabe*, Band II. Frankfurt a. M.: Fischer Verlag.

_____. (1982/1915). Das Unbewußte. In Freud, S. *Studienausgabe*, Band III: Frankfurt a. M.: Fischer Verlag.

Monzani, L. (2014). *Freud: o movimento de um pensamento*. (3ª ed.). Campinas: Editora da Unicamp. (Obra original publicada em 1989).

Pontes, S. (2011). Por uma interpretação concreta: simbolismo, decifração e contextualização nos sonhos. In: *Revista de Filosofia: Aurora (PUCPR)*, v. 23, n. 33, p. 301-314.

Wittgenstein, L. (1998). *Culture and Value/Vermischte Bemerkungen*. A Selection from the Posthumous Remains. Edited by G. H. von Wright. Revised Edition by A. Pichler. Translated by P. Winch. Oxford: Blackwell Publishers.

A lógica do sonho

Resumo:

Este artigo faz uma descrição da lógica das manifestações oníricas e da metapsicologia do aparelho psíquico na *Interpretação dos Sonhos*, abstendo-se da discussão epistemológica para incitar o aproveitamento clínico dessas formalidades, sem prejuízo de nenhuma perspectiva filosófica possível.

Palavras-chave: Freud, Interpretação dos Sonhos, metapsicologia.

The logic of dreams

Abstract:

This article tries a logical description of the oniric manifestations and the psychic apparatus in Freud's *Interpretation of Dreams*, abstaining from epistemological discussions to stir up only a reflection about clinical advantages of such formalities, without impairment of any possible philosophical perspective.

Key-words: Freud, Interpretation of Dreams, metapsychology.

La logique des rêves

Résumé:

Cet article est une description logique des manifestations de rêves et de la métapsychologie de l'appareil psychique dans l'*Interprétation des Rêves*, évitant la discussion épistémologique pour encourager l'utilisation clinique de ces procédures, sous réserve de toute perspective philosophique possible.

mots-clés: Freud, Interprétation des Rêves, métapsychologie.

La lógica de los sueños

Resumen:

Este artículo trata de hacer una descripción de las manifestaciones oníricas y del aparato psíquico en la *Interpretación de los Sueños*, de Freud, absteniéndose de la discusión epistemológica para estimular el aprovechamiento clínico de tales formalidades, sin daño a ninguna perspectiva filosófica posible.

Palabras-clave: Freud, Interpretación de los Sueños, metapsicología.